

COLEÇÃO
Ingluagem 11

Primeira edição
Rio de Janeiro, 1957

Segunda edição
Livros de Portugal,
Rio de Janeiro, 1970

Terceira edição
Presença/MEC
Rio de Janeiro, 1979

Quarta edição
Presença/INL
Rio de Janeiro, 1986

SERAFIM DA SILVA NETO

História da Língua Portuguesa

4ª edição

EM CONVENIO COM O
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
FUNDAÇÃO NACIONAL PRO-MEMÓRIA



PRESENÇA
RIO DE JANEIRO
1986

Capa
Heraldo B. Lisboa

Índice de palavras de
A. G. Cunha
Índice onomástico de
Raimundo Barbadinho Neto

FIGHA CATALOGRÁFICA

S586h
Silva Neto, Serafim, 1917-1960

História da língua portuguesa / Serafim da Silva
Neto. — Pretácio / Silvio Ella. — Apresentação / Celso
Cunha. — 4. ed. — Rio de Janeiro : Presença : [Brasília] :
INL, 1986.

(Coleção linguagem, 11)

1. Filologia portuguesa. I. Instituto Nacional do Livro.
II. Série III. Título.

CDD — 469
CDU — 806.90

ISBN 85-252-0008-5
Foi feito o depósito legal

PRESENÇA EDIÇÕES
Rua do Catete, 204 - Grupo 302 - Tel.: 225-1947
22.220 Rio de Janeiro, RJ

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

À MEMÓRIA DE
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

Não será arriscado acrescentar que essa paralisia precede e possibilita a invasão do falar pela *lingua commun*. Esta, que se torna o *parler directeur*, começa a modelar aquele, que, à sua imagem e semelhança, tende a corrigir a pronúncia. Esse fato é favorecido pelo grau de instrução, importância dos fatores de conservantismo e papel social das classes dirigentes.

Chega mesmo a suceder que se interpenetram, na consciência dos indivíduos bilingües, as correspondências entre a língua comum e o falar: e daí decorrem as *falsas regressões*. Bastará citar um exemplo, particularmente expressivo.

O campônio, que reconhece a oposição entre a sua forma regional *byé* e a francesa, *cléf*, substitui *bya* por *cla*. Sucede, porém, que *bya* não corresponde a nenhuma forma francesa com *cl* —, mas sim a *fléau*, do latim *flagellu*. Cf. Dauzat, *La Géographie Linguistique*, 1948, pág. 67.

Nas considerações que precederam, procuramos ressaltar o fato, muito sabido, mas nem por isso menos fundamental, de que a língua é uma instituição cujas modificações se ligam indissolvelmente à história da coletividade que a emprega. Como salienta Meillet, com a maestria habitual "elle ne se transforme pas comme un manuscrit ou comme un outil" (73).

O objetivo desta obra é, pois, o de esboçar, tão clara e documentadamente quanto possível, a formação da língua portuguesa e a sua história como instrumento de uma coletividade humana. O que vale dizer, história da língua como história dos homens que a falam (74).

(73) Cf. a *Linguistique historique et linguistique générale*, I, pág. 79.

(74) "Nicht das einmal gesprochene Wort kann eine Geschichte haben — es verhält ja sofort —, sondern nur das unzählige Male gesprochene, und diese Geschichte ist im Grunde die der Redenden." (Schuchardt, *Breiter*, pág. 127).

ANTES DOS ROMANOS

Antes da chegada dos Romanos, a faixa ocidental da Península Ibérica dividia-se, de Sul a Norte, em três territórios.

O primeiro, correspondente ao Algarve de hoje, aparece nos autores gregos como *Cyneticum*, designação tirada de *Cynetes*, nome dos habitantes.

Essa região era rica em recursos naturais e densamente povoada. Nela ficavam, entre outras, as conhecidas cidades pré-romanas *Laccobriga* (cerca de Lagos), *Ossonoba* (cerca de Faro), *Balsa* (cerca de Tavira), *Baesuris* (cerca de Castro-Marim) e *Myrtilis* (Mértola). E podemos ter certeza, à vista das inscrições com caracteres pré-romanos, que eram também habitados os lugares a que hoje chamamos concelhos de Silves, Alcoutim e Loulé.

Em seguida, vinha a região de entre Anas (Guediana) e Tagus (Tejo), onde ficavam numerosas cidades pré-romanas, indicadas por Ptolomeu, mas cuja localização desconhecemos: *Bractolaenum*, *Arcobriga* (Arcoz), *Mertibriga*, *Catralencus*, *Arandis*. Ao contrário, estamos bem informados acerca de *Vipascum*, ou *Vipasca* (Aljustrel), *Ebora* (Évora), *Ammaina* (aramenha) (1), *Eivion* (Salácia), *Gaetobriga* (Seitbal), *Equabona* (Coima), *Aritium*.

Do Tejo para cima, até o Douro, temos outra região, e daí até o extremo Norte, uma subdivisão.

Começamos pela primeira parte. Nela ficavam as seguintes cidades: *Olissipo* (Lisboa), *Scallabis* (Sanarém), *Eburobritium* (Alcobaga?), *Collipo* (?)

(1) J. L. V. *Elmos*, I, 1935, págs. 5-9. A cidade já existia no século I A.C. e ainda era habitada no século IV, como se vê das explorações arqueológicas. Cf. Jahay, na *Broetria*, XLV, 1947, pág. 633.

**Igaedilania* (Idanha), *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha), *Aeminium* (Coimbra), *Vaseo* (Viseu), **Lamaeci* (Lamego), *Arabriga* (?), *Tubucci* (?), *Talabriga* (?), *Langobriga* (?).

Para além do Douro ficavam, entre numerosos castros, cujas designações desconhecemos, *Bracara* (Braga), *Caladunum* (?), *Araducca* (?), *Coelobriga* (?). **Brigantia* (Bragança), *Abobrica* (?), *Tude* (Tui) e muitas outras, algumas das quais tiveram o nome indígena substituído por uma designação romana, como parece ser o caso de *Aquae-Flaviae*, que se supõe tivesse tido por base uma cidade pré-romana (?).

Não é fácil expor, com segurança, quais eram os povos que habitavam esse território. Contra nós conspiram, de um lado, a carência de informações, de outro, a variedade e complexidade deles.

De fato, sobre a Península desabaram, no curso dos séculos, numerosos e variados povos, uns como amigos e outros como conquistadores.

Desses contactos eram inevitáveis as mesclas físicas e as conseqüências do choque de culturas. Tornase, por isso, extremamente difícil atribuir características próprias e típicas a este ou àquele povo; é que, conhecendo-os nós muito pouco, podemos pensar que são originários traços culturais recebidos por empréstimo.

De qualquer modo, porém, há que distinguir, desde o paleolítico, dos elementos étnicos fundamentalmente irreduzíveis: de um lado os povos da cultura capense (irmãos dos da África menor e da Libia), que se estendem desde o Sul de Portugal e Andaluzia, até o Norte da Catalunha, dos quais surgem, na época histórica, os Iberos, os Cónios, os Verões, etc.; de outro lado, os povos da região *cantábrico-pirenáica* (irmãos dos de Oeste e Sul de França), de onde saem os povos históricos vasco e astur (?).

Os atuais vascos, posto que indubitavelmente pertencam à cultura cantábrico-pirenáica, representam, na língua, uma continuação do ibero. É que eles se contam entre os numerosos povos que no curso da existência tiveram necessidade de mudar de língua (?).

(2) *Religiões*, II, pág. 41.

(3) Vj. M. Pidal, in *Z.R.Ph.*, LIX, 1939, pág. 189.

(4) Vj. M. Pidal, in *Z.R.Ph.*, LIX, 1939, pág. 190.

Entretanto, além desses povos autóctones, muitos outros desde cedo emigram para a Hispânia. Modernos estudos de Menéndez Pidal (?) provaram que o norte de Portugal, a Galiza, as Astúrias e parte ocidental de Leão foram densamente povoadas por um povo de raiz lígure, a que convém chamar *ambroilintos*.

Delos ficaram alguns vestígios. Assim o sufixo — *asco* teve tal aceitação que acabou por adaptar-se a temas latinos, como é caso de *verrascu*, *viridascu*, e até mesmo a temas de outras línguas pré-romanas, como é o caso de *verbascum*, nome de uma planta. Aparece ainda em numerosos topónimos, como *Vipascum*, *Velasco*, *Vasco*, *Panasco*, *Rabasco*, *Fontascos*, etc. — para nós referimos a nomes de lugar contidos no território português. A terminação — *antia*, — *entia*, que para formar nomes de rios e cidades existia no Lígur e no ilírio, está representada em Portugal: *Arganza* (**Argantia*) no distrito de Porto que podemos comparar a *Arganza*, nome de um rio e povoado nas Astúrias e em Castela), *Palença* (**Palentia*), nome de uma quinta no distrito de Lisboa, que se pode por em paralelo com a cidade de *Palencia*, em Castela. Maior significação tem ainda o sufixo — *ace*, — *ice*, — *oce*, bem representado na toponímia hispânica: *Queiraz* ou *Quiraz* em Bragança, no Porto e em Vila Real; *Queiriz* em Braga e na Guarda, *Queiris*, em Coruña, *Queiros* em Santa-rém, *Quirós* nas Astúrias (?) *Moniz* em Leiria, em Castelo-Branco e em Évora; *Muniz* em Lugo, *Munioz* em Vizcaya, *Muñoz* em Salamanca, *Maramuniz* em Oviedo (?). *Tamariz*, na Corunha, junto ao rio Tambre (Tamaris), representa *Tamaric*, povo possivelmente não céltico. O nome comum **lanara* persiste

(5) "La toponímia nos lleva de nuevo a dar crédito a los textos griegos que señalan ligures en España, pero esos ligures no poblaron toda España, no constituyeron ningún vasto imperio, no dieron unidad racial ni cultural al Occidente europeo; fueron solo un pueblo emigrante que llegó, no solo al Noroeste de Italia y costa mediterránea de Galia hasta los Pireneos, sino que extendió otras tribus por el valle del Rodano, por todo el Noroeste de España y por algunos puntos del Sur en territorio turdetano. No son los ligures en sentido estricto, establecidos en la Liguria y tierras vecinas; eran elementos toponímicos que rebasan mucho por el Este y el Norte los límites de la Liguria histórica y tierras ligúricas contiguas; alguno de tales elementos no se halla en esa Liguria histórica y si en territorio ilírico, sea como propio de los ilirios, sea como perteneciente al substrato mediterráneo que precedió a los ilirios. En fin, ese pueblo inmigrante no era conocido comunmente con el nombre de ligures, sino con el equivalente de ambrosios". (*Z.R.Ph.*, LIX, 1939, páginas 205-6).

(6) Todos esses nomes se derivam de um substantivo **carro*, "voça": Menéndez Pidal, loco cit., págs. 9-10.

(7) A base desses topónimos é *munno*, um de cujos significados permanece no basco *muño*, "colina, outeiro"; idem, *ibidem*.

hoje nos dialetos do Friul (*támar*), de Belluno (*tambre*) e outros, com o significado de *choga, malhada, palheiro*.

Mendez Pidal cita ainda o mesmo sufixo nos topónimos portugueses *Candoz* (<**canda*, palavra mediterrânea que significa pedregal, pedreira); Viana, Visu, Pôto; *Louviz* (<**laura*, primitivo de *laurice*, que Plínio cita como palavra hispânica); Porto; *Savariz, Sabariz* (de uma base **Sabara*); Bragança, Braga, Visu, Galiza; *Guimbriz*, no Porto; *Moumiz* e *Quetritz* em Visu; *Albariz* em Vila Real... Esse sufixo *ax, ix, ox, ux*, que parece ter valor adjectival, era ainda vivo depois da romanização do ocidente europeu; e assim o vemos formar derivados de palavras, como é o caso do friulano *ramaz*, "ramo". Em Portugal temos *Extremoz*, em Évora, sítio considerado em certo tempo anterior à total reconquista, como fronteira extrema; *Celeros* em Braga e em Vila-Real, *Ferreiroz* em Braga, Visu e Aveiro.

É também dos mais expressivos o topónimo *Lama*, que abunda especialmente no território lírico da Itália meridional e no ângulo noroeste da península ibérica (Portugal, Galiza, Astúrias e Leão), ao ocidente de uma linha que vai desde Lisboa até o oriente das Astúrias⁽⁹⁾. E deve notar-se que o substantivo comum *lama* só aparece em Ênio e em Horácio, justamente nascidos em região lírica, onde é frequente aquele topónimo⁽⁹⁾.

O nome nacional dos Lígures, como se vê por uma indicação de Plutarco⁽¹⁰⁾, era *Ambrones*, palavra que se ajusta a numerosos topónimos peninsulares: *Hambroñ* (Salamanca), *Ambroa* (Corunha), *Ambrañes* (Marco de Canaveses) *Ambroães* (Porto).

Nos começos do século VIII a. C. surge, na Península, outro povo de origem indo-europeia. Trata-se dos Celtas, que vieram através dos Pireneus e que, dois séculos mais tarde, voltariam em levadas mais expressivas e significantes.

Essa nova contribuição de sangue indo-europeu influíu decisiva e rapidamente na primitiva camada étnica indígena, tanto mais quanto esta, como

(9) Mendez Pidal observa que o nome simples *Lama* ou *Lamas*, junto com os derivados (*Lamgaiz, Lamgo, Lanella, Lameiro*, etc.) se usam nos distritos do norte até os de Aveiro, Visu e Guarda, inclusive. Para o sul dessa linha se usam somente os derivados (só uma ou outra vez aparece o simples) — o que evidencia tratar-se de uma propagação tardia para o sul. (*Lígures e ambroñitos em Portugal*, na R.F.L.L., X, 1944, pág. 14 n.).

(10) Pidal, obr. cit. pág. 14; Meillet — Ernout, *D.E.L.*, 3ª ed., 1950, s.v.; Walde — Hofmann, *L.E.W.*, 3ª ed., s.v.; Hermandó Balmori, em *Emerita* IV, 1936, págs. 75-85 (com um mapa).

(10) Vj. Pidal, obr. cit., pág. 15.

salientam Obermaier e Garcia y Bellido⁽¹¹⁾, devia ser muito escassa em número e densidade.

Assim, pela supremacia da cultura céltica, pouco a pouco se foi manifestando uma relativa unidade — devida à celtização progressiva das tribos autóctones — que mais ou menos vai perdurar até a conquista romana. Unidade relativa, porque não chegava a identificar as numerosas e variadas tribos da Península: entenda-se que essa unidade se refere aos traços célticos comuns a quase todas.

Obermaier e Garcia y Bellido⁽¹²⁾ distinguem três grupos geográfico-culturais na base céltica peninsular:

- 1 — o grupo da meseta central, rico em tipos e decorações de armas;
- 2 — o grupo celibérico, bem conhecido graças às escavações de Numância;
- 3 — o grupo galaico-português.

Este último, que particularmente nos interessa, abrangia o ângulo noroeste, que corresponde à zona portuguesa ao norte do Douro, às quatro províncias galegas e a todo o ocidente das Astúrias. Caracterizava-se, principalmente, pelas suas povoações, sítas em lugares altos, defendidos pela Natureza, conhecidas com o nome de *castros*. As casas eram circulares, arquitetura muito remota, que tanto pode representar herança de focos célticos do norte da Europa como reflectir sobrevivências de formas indígenas pré-célticas, de estado sócio-económico muito primitivo⁽¹³⁾.

Vale a pena ler o que, a respeito do papel dos Celtas, diz Pericot, catedrático da Universidade de Barcelona:

"Es evidente que toda la Península fué recorrida por los celtas, resistindo a la asimilación solo algunos núcleos indígenas, como los vascos, los iberos de la costa, los tartesios — Los

(11) H. Obermaier e A. Garcia y Bellido, *El hombre prehistórico y los orígenes de la Humanidad*, terceira edição aumentada, Madrid, 1914; págs. 309-310.

(12) Obr. cit., pág. 312.

(13) Vj. a obr. cit., pág. 320.

Iustanos, en la hipótesis de Bosch, son indígenas celtizados pero que reaccionan en el siglo II contra los celtas. Los bascos en su lengua dejan entrever fuerte influencia de los celtas establecidos en fortalezas dentro de su territorio. Su mayor influencia étnica la ejercen en la Maseta y en Galicia, aunque en esta última región parecen más tardíos" (*La España primitiva*, Barcelona, pág. 268).

"En una palavra, el papel de la oleada celtica es fundamental para explicar la Historia de España. Su influencia fué mucho mayor de lo que haria sospechar la ausencia de idiomas célticos en la España moderna" (Idem, *ibidem*).

Estrabão, referindo-se à mesopotâmia compreendida entre o *Tagus* e o *Anus*, diz que nela habitavam, na maior parte, povos célticos. A toponímia corrobora-o, pois nessa área são frequentes nomes de lugar nitidamente de origem céltica, tais como *Nertobriga*, *Turobriga*, *Lacobriga*, *Mirobriga*, *Arco-briga*, todos caracterizados pela terminação — *briga*, que significa "altura", "castelo", — e ainda *Egabona*, (cf. Pokorny, na *Vox Romanica*, X, 236) e talvez *Ebora*.

No que toca à região que se estende do Tejo ao Douro, não se conhecem textos que mencionem os Celtas, e parece ter sido povoada pelos Lusitanos, cuja pré-celticidade se julga assegurada. Mas ainda aí eram patentes as influências célticas, como se pode ver pela toponímia: uma inscrição de Olisipo (C. I. L. II, 193) lê-se *Cantius*, nome que acaso se poderá decompor em *Canti-us*, do tema *cantio*, "brilhante"; "branco"; noutra, de Tórtres Vedras, lê-se *Tongius*, palavra indiscutivelmente céltica, do tema *tongo*; entre as cidades Lusitanas sitas entre o Tejo e o Douro figuram *Ara-briga* e *Tala-briga*, nomes que a terminação — *briga* esclarece indubitavelmente. Na *ciuitas Igaeditanorum* existem numerosas indicações de influência céltica: nomes de deuses como *Treburra* e *Reburrus*, nomes de particulares como *Boudica*, *Lobéssa*, *Camalius*, terminação — *briga*, como, por exemplo, em *Coninbriga*.

Que ao norte do rio Douro havia célticos, parece indicado pelo geógrafo Pompónio Mela; além disso, a onomatologia o esclarece. Numa inscrição de Santo Tirso aparece o nome *Turicius*, de que, pelo menos o sufixo é céltico; noutra, de Ronfe, perto de Guimarães, lê-se *Durbédicus* e *Cloutius*, indiscutivelmente nomes célticos; noutra, de Pombeiro, depara-se-nos *Lovesius*, que há pouco vimos com a forma *Lobessa*. Na cistânia de Briteiros temos: *Caturro*

Viriati e *Caturro Camali*; nas inscrições de Vizela encontramos *Reburrius*, *Rectugenus*; em inscrições de Braga temos *Camala*, *Reburrus*, *Ambimogidus* e o nome divino *Tongoenabigus*, que se decompõe em *Tongoe-nabi-igus* = *Tongenabico-s* (14).

Do rio Lima para o norte há sinais evidentes da existência dos Celtas: assim a tribo dos *Artabri* ou *Arrotrebae* cujo território modernos estudos de Menéndez Pidal (15) conseguiram delimitar, graças à exegese dos topónimos de trinta ou quarenta povoados, cujos nomes terminam em — *obre*.

Acerca da influência geral dos Celtas, podemos concluir, com Leite de Vasconcelos:

"Em resumo, vê-se que temos textos que nos falam de Celtas, de modo vago, no SO. da Ibéria (Heródoto), e de modo preciso, na região de Entre-Tejo-e-Guadiana (Estrabão, Plínio e Ptolomeu) e na região que vai do Douro até o extremo norte da Lusitânia (Estrabão, Mela e Plínio); e que pelo onomástico confirmamos a existência de Celtas nestas mesmas regiões, e nas intermédias, isto é, entre Tejo e Douro. Se exceptuarmos Heródoto, os ouros AA., quando se referem aos nossos Celtas, denominam-nos adjetivamente, — *Keltikoi*, *Celtici* —, como quem dissesse "ramos dos celtas", i. é, dos Celtas clássicos" (16).

Como se vê, é dos mais complexos o panorama antropológico da Península ao tempo em que chegaram os Romanos. Dispersos pelo território viviam os mais variados grupos, ora de populações autóctones, ora de populações oriundas do norte da África, ora de populações emigradas do norte da Europa. Muitas delas haviam sido fortemente *celtizadas*, a ponto de adotarem a maioria dos traços culturais dos Celtas, inclusive a língua.

É provável, portanto, que o celta dos hispanos tenha sofrido, pelo menos no sotaque e no vocabulário, influência daqueles idiomas a que se sobrepôs.

(14) Tudo o que dizemos dos Celtas é resumido de Leite de Vasconcelos, *Religiões*, II, páginas 57 e 58.

(15) in *Cuadernos de Estudios Gallegos*, V, 1946, págs. 1-6.

(16) *Obi.* cit., pág. 58. A respeito de possíveis influências pré-célticas no celta da faixa ocidental, cf. Balmori, na *Emerita*, III, págs. 77-119.

O certo é que os Romanos encontraram a Península dividida entre dezenas de tribos, das mais variadas origens, separadas por ódios enraizados e intrinsecamente pontiveis.

Autores gregos e latinos referem que a região hoje chamada Algarve foi habitada, em tempos pré-romanos, pelos Cónios. É provável que em épocas mais antigas fosse maior a área ocupada por eles, como se pode depreender do nome *Conimbriga* (<<*Conimbriga*), mas possivelmente a invasão de tribos célticas os rechaçara mais para o Sul. Representariam eles, pois, uma camada pré-indo-europeia.

Acima dos Cónios, de ambos os lados do rio Anas (hoje Guadiana), habitavam tribos célticas, enquanto mais para o norte, na área agora ocupada pelas Beiras, ficava a importantíssima tribo dos Lusitanos que, com o seu chefe Viriatio, tanto havia de distinguir-se na luta contra os conquistadores romanos. Tomam grande incremento desde o século III a. C., saindo do seu primitivo território montanhoso da serra da Estrela para conquistar, na costa, toda a região entre o Douro e o Tejo, e derramar-se pelo Alentejo e pela Extremadura espanhola. Como consequência dessa expansão, os Celtas ficaram confinados ao norte do Douro e ao Sul do Alentejo.

Quer os Lusitanos perencessem a velhas populações autóctones, quer sejam Iberos, parece indiscutível a sua pré-celticidade⁽¹⁷⁾.

O prof. Mendes Cortêa, conjugando os elementos da Antropologia, da Arqueologia e da História, apresenta-os — “*não como simples recém-vingidos Celtas, Iberos ou Celtíberos, mas como um povo que tinha fundas e longínquas raízes no território, relacionando-se genealógicamente com os portadores da velha cultura ocidental, os construtores dos dolmens. Eram decerto parentes dos Iberos e dos Celtíberos, tinham recebido ou viriam a receber a*

(17) Apesar disso, não isentos de influência céltica. Basta lembrar que o nome de um dos seus mais ilustres chefes, o lendário Viriatio, parece de origem céltica, derivado que é de *viriae*, “braclete”. Cf. L. de Vasconcelos, *Religiões*, III, pág. 118 n.

(18) *Raças do Império*, 1943, págs. 150-1.

(19) Carnoy explicou o nome étnico GROVI com o céltico *Krowu*, “corvo”, cf. *Le latin d'Espagne* (c.à d., *d'Hispanie*), 2.ª edição, pág. 106. O que dizemos dos GROVIOS é bebido em Leite de Vasconcelos, *Archeólogo Português*, X, 287-292 — estudo mais tarde transcrito e ampliado nos *Opúsculos*, V, 85-95.

influência celta. Mas não representavam um estrato fundamentalmente distinto dos remotos habitantes neoneolíticos do país”⁽¹⁸⁾. (os grifos são nossos).

Para além do Douro conhecem-se muitas tribos.

Os *Grovios* eram tribos de incerta filiação⁽¹⁹⁾, que ocupavam, pelo menos, parte das regiões que hoje se denominam Galiza e Entre-Douro-e-Minho. O estudo da toponímia, tão precioso auxiliar da História, mostra-nos, nessa região, alguns nomes que parecem relacionar-se com o nome étnico GROVII: GROVIA, nome de um sítio na freguesia de Linhares, concelho de Paredes-de-Coura; GROBIA e GROBEA, nomes de povoações na província galega da Corunha; GROIVA, nome de uma herdade no concelho de Fafe.

Ao Sul do rio Minho, entre este e Bracara, demorava a tribo dos *Seurri*, segundo a lição de Plínio (IV, § 112). Mas que também os havia na outra margem, fica patentado por esta inscrição, que Leite de Vasconcelos descobriu e estudou: “*Tridiac, Modesti f (iliae), Seurr (a) e Trasm (imienis vel Trans-minianae), exs c (enturia) Serante, an (norum) 20, Valerius u (xor) f (eclt)*”.

Esta inscrição, que ascende aos fins do século I, ou aos inícios do seguinte, é muito importante, pois mostra-nos, mesmo nos tempos romanos, pelo menos no norte, a persistência da consciência tribal. Ainda mais: como *Tridia* se relaciona com *Tridiavi*, designação de uma *gentilitas* ibérica, pode pensar-se que a esposa de Valério procedia de outra tribo — o que nos mostra exogamia, fato que tem suas repercussões linguísticas.

Serante, que pressupõe a flexão *serans, antis*, palavra ibérica ou céltica, está representada na toponímia galega e asturiana. Em textos galegos dos séculos XII e XIII ocorrem *cortina de Serantes*, *in Serantes*, *in villa quae vociant Sarantes*, *in villa de Sarantis*, *de Sarantis*, *ecclesia Sancti Saluatoris de Sarantes*. A toponímia moderna da Galiza apresenta, com a sílaba SER —, nove lugares chamados *Serantes* na Corunha, dois em Pontevedra, um em Oranse, um em Lugo; a da Astúrias apresenta dois em Oviedo. Não devem, ainda, deixar-se de lado SAR e SARELA, rios da Galiza, e *Sarantellos* que, aparecendo num documento do século XII, mantêm-se hoje na toponímia galega⁽²⁰⁾.

Dos Arrabros já se falou.

(20) Vj. Leite de Vasconcelos, in *Archeólogo Português*, XXIX, 1931, artigo reproduzido nos *Opúsculos* V, págs. 60-72.

Convém resumir, em pouco mais de uma página, o que se tentou dizer neste capítulo.

A base indígena da população peninsular tem três elementos essenciais:

- 1) o *pirenaico*, originariamente estabelecido no norte, e de que hoje os bascos são representantes, constitui um elemento étnico de origem europeia. A língua vasca, entretanto, é de filiação difícil, parecendo, depois dos estudos de Schuchardt e outros, uma língua ibérica. É o que admite Menéndez Pidal, dizendo que os vascos se contam entre os povos que mudaram de língua⁽²¹⁾;
- 2) o *pré-ibérico*, que pode identificar-se com a civilização chamada *capsense*, a qual no período eneolítico começou a extinguir-se, dela persistindo fortes massas em Portugal, Galiza, Astúrias, Leão, na maior parte da Extremadura, em Castilla a nova. A invasão céltica matizou muitos dos povos indígenas derivados dos *capsenses*, mas alguns se conservaram mais indenes, tais como os Astures de boa parte de Astúrias e Leão, e talvez os Cinetas do sul de Portugal;
- 3) o *ibérico* que surge no neolítico, na região sudeste, e é provavelmente de origem africana.

A par com esses elementos demográficos, que são os mais significativos, é preciso contar com gentes de procedências desvairadas, que a guerra, o comércio, ou simplesmente o espírito aventureiro, lançaram sobre a Península. Estão nesse caso os Gregos e os Cartagineses que, muito antes dos Romanos, já circulavam pelas costas da Ibéria.

Em tudo o que dissemos, procuramos ser prudentes, pois é dos mais obscuros e complexos o assunto relativo aos povos pré-romanos da Hispânia. A esse propósito a Ciência muda tão rapidamente, hipóteses novas surgem com tal frequência, que é difícil, se não impossível, acompanhar tudo. Por isso nos limitamos ao que pareceu, de um lado, essencial e, de outro, mais seguro.

Assim, deixamos de parte os dados relativos a um substrato mediterrânico, anterior às invasões indo-europeias: é o caso, entre outros, da base *ganda*, "terra rochosa", que está representada desde Portugal, zona montanhosa do norte da Espanha, os Pirineus, os Alpes até a Alemanha, os Balcãs e a Ásia Menor e que vem citada em Plínio como usada pelos mineiros das Astúrias⁽²²⁾.

(21) Vj. a obra cit. à pág. 56. Adiante se tornará a falar dos bascos e da sua língua.

(22) A respeito da base *ganda* é de indispensável leitura o magistral artigo de Bertoldi, *Problèmes de substrat*, no *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, XXXII, 1931; página 184.

Também deixamos de lado as significativas concordâncias que se estendem da Península Ibérica à Sardenha por intermédio do norte da África. É o que indicam certos paralelos lexicais entre o basco e os dialetos sardos⁽²³⁾:

<i>Basco</i>	<i>Logudorês</i>
<i>tsakar</i> , "cachorro"	<i>gágaru</i>
<i>segalla</i> , carneiro de um ano; <i>segallo</i> (aragonês)	<i>sakkayu</i>
<i>ospel</i> , lugar sombrio —	<i>öspile</i> , relvado
<i>gorostia</i> , azevinho —	<i>Goni</i> , nome de lugar.
<i>goi</i> , encosta, colina —	<i>golóstri</i> (Sardo do Sul)

(23) Cf. o importante artigo de M. L. Wagner, *Über die vorrömischen Bestandteile der Sardischen*, in *Archivum Romanicum*, XV, 1932, págs. 207-27; idem, *Zum Paläosardischen*, in *V. R.*, VII, 306-323; idem, *La lingua sarda*, págs. 273 e ss.; Bertoldi, na *Z. R. Ph.*, LVII, págs. 151-4; F. Altheim, *Geschichte der lateinischen Sprache*, 1931, págs. 164-175; Bertoldi, *N. R. F. H.*, I, 128-147.